O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 42.º — N.º 2123

Sábado, 3 de Dezembro de 1949

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ATENÇÃO, MUITA ATENÇÃO!

E' aos nossos assinantes de fora do Continente que mais uma vez nos dirigimos para lhes dizer que estamos quase no fim do ano e verificar a administração do jornal que ainda existem bastantes pessoas da Africa, Américas e outros pontos do estrangeiro que não corresponderam ao nosso apêlo, liquidando os seus débitos atrazados. Esse facto, porém, continua a dificultar-nos a existência por nos empurrar para o desiquilíbrio e sendo assim temos de pôr côbro à situação, suspendendo-lhes a remessa do *Democrata* se até meados de Janeiro de 1950 não derem entrada em cofre as importâncias que andam espalhadas. E' que apesar de há muito ter acabado a guerra, a imprensa da província, cuja maioria ainda não abandonou o regimen das duas páginas com que vai mantendo o fogo sagrado, continua a gemer sob espantosas despesas que a sobrecarregam e como o mal a todos atinge, sem excepção, supomos que esteja suficientemente compreendida a nossa atitude.

ESTÁ ABERTA A SESSÃO

Abriu na terça-feira a Assembleia Nacional para dar início aos trabalhos da quinta legislatura que voltarão a ser dirigidos pelo sr. conselheiro Albino dos Reis, reeleito para o cargo de presidente. Assistiram o Chefe de Estado, o Govêrno, o Corpo Diplomático assim como as altas patentes do Exército e da Armada, tendo o sr. Marechal Óscar Carmona dirigido uma mensagem à Nação da qual, por ser extensa, respigamos apenas esta passagem:

. . . .

«A presente Assembleia, se em 1950 resolver antecipar a revisão do Estatuto fundamental, terá para o efeito poderes constituintes. Traduz-se esta possibilidade em graves responsabilidades para a Câmara, mas nada adiantarei sobre o assunto, pois estou seguro de que utilizará os seus poderes naquele único sentido que verdadeiramente interessa a Nação—isto é, o de atingir-se uma fórmula de vida colectiva que salvaguardando as legítimas liberdades do povo português, reforce a sua unidade e promova o bem comum. Não se podem hoje fechar os olhos ao facto concreto que se traduz na actual crise da civilização ocidental e aos perigos que essa crise comporta para a independência das nações, primeiro fundamento da liberdade dos indivíduos. Igualmente se não podem fechar à necessidade de dispor de um Estado que seja garan'ia da ordem e de disciplina social o factor decisivo no progresso comum. A experiência passada indicará com suficiente clareza as grandes directrizes que podem ser seguidas e os limites dentro das quais prudentemente se deve comportar a acção reformadora.

Os quatro anos da última Legislatura corresponderam a período intenso de fomento tanto na Metrópole como no Ultramar, e espera-se que nos que vão seguir-se algumas grandes obras e empreendimentos ficarão concluídos, ao mesmo tempo que outros de igual importância se iniciarão dentro dos planos aprovados.

A crise deste ano e a retracção do crédito que provocou, afectaram aqui ou ali algumas iniciativas, mas, não tendo sido suficiente para atacar as bases da nossa estabilidade financeira, mal se repercutiram no ritmo das realizações maiores. Estes períodos é necessário vivê-los com prudência e não deixar irreflectidamente, mesmo com alguns sacrifícios, contaminar dos germens da desordem a estrutura económica e financeira do País. Sabemos que as dificuldades passam tanto mais fàcilmente quanto mais intactas se mantiver a estrutura fundamental e mais factores de riqueza pudermos facultar á nossa população. E' por isso que, havendo que se sacrificar alguma coisa, se devem adiar transitòriamente as realizações menos urgentes ou menos necessárias à produção para dar toda a preferência às que mais ou menos directamente a podem facilitar ou embaratecer.»

O documento, importantíssimo debaixo de todos os pontos de vista, foi, ao terminar a sua leitura, coberto de palmas por todos os presentes, tanto mais que foi coucluido com um apêlo à colaboração dos portugueses na obra nacional em curso.

Imprensa Regional

Sobre o que ultimamente se há passado e de que nós nos temos feito eco, apareceu no *Jornal de Sintra* qualquer coisa a indicar uma agência que põe à disposição da pessoa ou pessoas que orientam a iniciativa da organização da pequena imprensa todos os recursos do seu organismo, com o que não concordamos.

O caso deve ser tratado pelos directores dos jornais e seus administradores. Só. Nada de intermediários. A quem dói os calos é que vai ao calista e por isso desde já pomos os pontos nos ii, concordando com o que sobre o assunto tem escrito a *Soberania do Povo* e agradecendo ao sr. Conde de Agueda, seu director, o interesse que está tomando pela nossa causa.

E' pena, no meio de tudo quanto se tem escrito àcerca da vida atribulada dos jornais da província, vêr tanta parra e tão pouca uva. Pois bem: entendemos que chegou a hora de se tomar, em definitivo, uma decisão. Quem quererá ir a Lisboa? Quem quererá fazer mais o sacrifício de lá se juntar numa reunião que traga por fim algum benefício para a imprensa?

Nós estamos prontos a fazê-lo. E' decidir e, com tempo, avisar. Já agora...

* * *

A proposito, no último número da *Soberania do Povo*, lê-se:

Não nos consta que o assunto tenha sido abordado, em termos construtivos, por outros colegas, a não ser *O Democrata, Diário de Coimbra, O Despertar* e pouco mais.

Estamos a ver que regressa tudo ao estado anterior, isto é, à indiferênça e ao esquecimento.

Nem com a boa vontade do Sub-Secretário das Corporações e do Secretariado da Informação uma obra tão útil e necessária se executa.

De quem é a culpa? Pertence inteiramente aos próprios interesados.

Colegas: sem hesitações, em nome dos nossos interesses – A Lisboa! A Lisboa!

As caleiras

Voltamos ao assunto. Insistimos que é preciso providênciar de modo a que os canos condutores das águas pluniais dos prédios que confinam com avia pública da cidade sejam reparados convenientemente para se não repetir o que toda gente presenciou a quando da última prova.

Que será preciso mais?

Informação

Em cumprimento do decreto n.º 30.320, de 17 de Março de 1940, recebemos o que segue:

«O jornal *O Democrata*, de Aveiro, numa local do seu número de 22 de Outubro p. p., solicita a substituição do carro que transporta a correspondência entre as estações dos CTT e dos Caminhos de Ferro de Aveiro, por um veículo motorizado.

Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos CTT que não é de considerar a mudança pedida, pois o carro a que a local alude satisfaz plenamente ao serviço de que se trata.»

Natal do Sinaleiro

—o—

Tomou o Automóvel Club de Portugal a intciativa de o fazer reviver, afigurando-se-nos a ideia muito simpática pelo seu significado.

Sabemos também que a Delegação de Aveiro já teve nesse sentido um entendimento com o sr. comandante da P. S. P. e que foi estabelecido como posto de recolha de donativos, que funcionará a partir do dia 20 do corrente, o *Centro Comercial de Aveiro, L.da*, amàvelmente cedido para esse fim.

De esperar é que a população tenha um gesto de reconhecimento por quem vela pela regularidade do trânsito na nossa terra.

Aniversário festivo

—o—

Todo o programa elaborado para comemorar o 115.º aniversário da Banda Amizade foi rigorosamente cumprido.

Os últimos números foram o concerto, no sábado à noite, pela Banda, sob a regência de António Limas, em frente à sede, que esteve em exposição; a missa celebrada, domingo, na igreja da Misericórdia por alma dos executantes e sócios falecidos, seguida de romagem aos cemitérios, e o jantar de confraternisação, à noite, em que fizeram uso da palavra os srs. Amadeu Conceiro, dr. Luís Regala, Norberto da Conceição Saraiva e José de Pinho, sendo todos ovacionados.

Festa simpática em que se recordaram saudosamente quantos passaram por aquela casa, contribuindo para o prestígio da reputada Banda, serve ao mesmo tempo para radicar a amisade que existe entre os seus componentes.

O Democrata renova os seus agradecimentos pelas atenções com que é sempre distinguido e faz votos pelas prosperidades do excelente conjunto musical.

SESSÃO COMEMORATIVA

—o—

No Ginásio do Liceu realisou-se ante-ontem de manhã para celebrar a independência de Portugal em 1640. Assistiram as autoridades civis e militares, os estudantes e muitos convidados, que aplaudiram os oradores a quem os acontecimentos da época se tornaram simpáticos pelo elevado patriotismo de que foram revestidos.

Todos os edifícios públicos da cidade embandeiraram as suas fachadas, iluminando, alguns, à noite.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

IMPRENSA

O Ilhavense

Com um número de seis páginas impresso a côres, entrou no 39.º ano de existência este colega do próximo concelho de Ilhavo, que tanto tem pugnado pelo seu engrandecimento, acompanhando os que devotadamente a isso se entregam. Dirigido pelo professor da vila, José Pereira Teles, e colaborado por algumas pessoas experimentadas nas lides da imprensa, como Diniz Gomes e João Felix, que deveras apreciamos, *O Ilhavense*, como nós, orgulha-se de não ter auxílios financeiros de potentados nem receitas ilegítimas que escaldam as mãos que as arrecadam e isso dá-lhe direito a proclamar com altivez o que devia ser o aniversário de um jornal da província, dizendo:

O aniversário de um jornal da província devia revestir-se duma certa alegria acalentadora, dum certo sopro protector, que desse aos que desinteressadamente se batem nestes redutos, a compensação dos sacrifícios feitos e dos prejuizos sofridos.

Nesta lida intensa dos semanários provincianos queimam-se muitas energias, esgotam-se muitas vidas. E ninguém calcula, senão os que cá dentro trabalham, quanto sofrimento é preciso suportar para que o jornal possa vencer os obstáculos que se se lhe atravessam no caminho com mira a dominar uma força, a fazer calar uma voz, a diminuir um potencial de luz que irradia das colunas humildes destes despretenciosos órgãos da opinião pública.

Não é estranho para ninguém que o jornalista digno deste rome, ama a sua profissão a ponto de sacrificar por ela o seu bem-estar e a sua própria fazenda e preza o que ela tem de mais elevado —que é o amor da Verdade, a defesa do bem comum, a manutenção e aperfeiçoamento das maiores conquistas humanas, nos domínios da Ciência, da Literatura e da Arte—relacionando todas as suas manifestações com o bem e a ordem sociais.

E quando esse jornalista especifica o seu trabalho na intenção bemdita de tornar grande, e bela e próspera a pequenina terra onde nasceu, mais alto sobe a sua dedicação, mais belo se torna o seu programa, mais emocionante lhe parece essa aspiração ideal.

Está certo. Como inegavelmente se constata serem os jornais de tal quilate aos que conseguem mais aceitação.

Ao *Ilhavense* as nossas felicitações e nada de desânimos.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

Pardais...

Nada menos de 30 mil destes pássaros, muito conhecidos entre nós, foram há pouco largados do Marrocos francês para estudo de vôos de migração. Convenientemente anilhados, solita-se as pessoas que encontrem destas aves o favor de remeterem as anilhas à Direcção Geral dos Serviços Florestais e Agrícolas, indicando-se tanto quanto possível a data e local em que as mesmas foram encontradas.

Cá por Aveiro a existência de pardais nunca deixou de assinalar-se; mas como não trazem anilha é difícil conhecer-lhes a origem...

AS GREVES

Voltou a desenhar-se outra na França, que, todavia, não atingiu as proporções calculadas, por o Govêrno ter decidido opôr-se ao seu alastramento, o que só fez bem.

Quando será que o bom senso daquele povo há-de restituir aquilo que a guerra lhe levou?

Quando?

República do Panamá

Tem actualmente três presidentes: Chanis, Chiari e Arias o que nos leva a duvidar do seu entendimento.

E' que muita gente junta não se salva...

Benemerência

Da comissão das festas às Santas Mártires recebemos 20$00 para os pobres do nosso jornal que deram entrada no respectivo mealheiro.

Agradecemos.

Pelas alturas

Estiveram no domingo a almoçar nesta cidade os industriais da Covilhã António de Matos Soares e José Moura da Silva, que se fizeram transportar numa avioneta de turismo, propriedade do primeiro, que chegou à base de S. Jacinto pelas 11 horas e meia. O regresso, fizeram-no pela mesma via, às 16 horas, mas o que é certo é que não apareceram mais na Covilhã por o aparelho ter caído no Cabeço dos Clérigos, ao atravessar a Serra da Estrela, onde os dois passageiros encontraram a morte.

Eram ainda uovos, emocionando a tragédia toda a região da Beira, que os conhecia como entusiastas conquistadores do Ar.

NA PRÓXIMA ALDEIA DE VERDEMILHO

A consagração de Eça de Queirós foi aparatosa e revestiu-se de grande lusimento

Nem de propósito: quase todos os dias da última semana caíu chuva em abundância, a potes, mas no domingo o tempo desanuviou e logo a manhã apareceu inundada do acariciador sol outonal, motivo por que as festas de Verdemilho chamaram à ridente aldeia enorme multidão e destacadas individualidades.

Eram perto de 15 horas quando se deu início à cerimónia do descerramento da lápide cujos dizeres vieram já publicados no *Democrata*, tendo assumido a presidência da mesa que se formou num estrado erguido em frente, o sr. Governador Civil substituto, que dava à direita ao sr. António Eça de Queirós, filho do homenageado, e se fez rodear de outras pessoas de representação. Dos prédios em volta pendiam colchas de seda e de damasco, ouvindo-se ao caír a bandeira que cobria a inscrição, uma estrepitosa salva de palmas. Ao sr. António Eça de Queirós foi, então, oferecido pelas raparigas do lugar, em trajes de gala, um formoso ramo de flores, perorando antes sobre o significado do acto em referência o sr. major António Lebre, que proferiu a seguinte alocução:

Ex.mas Autoridades, Senhoras, Senhores:

É com bem sentido desvanecimento que, ao iniciar esta alocução, no acto do descerramento da Lápide em Verdemilho, evocativa do Escritor Eça de Queiroz, lembro, saudosamente, o nome da Ex.ma Sr.a D. Maria de Eça de Queiroz de Castro, ausente em Luanda, e que ardentemente desejavamos que estivesse presente neste dia de solenidade, de sentida glorificação de seu saudoso Pai.

Sabemos, temos a certeza, que era também esse o seu grande desejo. Não se encontra, na verdade, aqui em pessoa, mas o seu passamento, o de seu ilustre filho D. Manuel de Castro e sua distinta nora Ex.ma Sr.a D. Maria de Eça de Queiroz de Castro, ausentes também na capital de Angola, estão connosco, estão comovidamente em Verdemilho, neste dia das Homenagens ao grande Vulto das Letras Pátrias.

Já a 17 de Agosto de 1948, Sua Excelência escrevia da Praia da Granja, depois de ter estado em Verdemilho, acompanhada da sua ilustre amiga D. Arselina Valente Moreira, da Quinta de Taboeira, em 3, 9 e 10 de Agosto de 1948, estes bem sentidos pensamentos:

Como tive ocasião de lhe dizer, bem como aos seus amigos e colegas da Comissão de homenagem a meu Pai, Alberto Souto e Acácio Rosa, não só me senti extremamente grata pelo admirável acolhimento que me prestaram, mas profundamente comovida e enternecida por ver a memória de meu Pai, tão carinhosamente lembrada, numa admiração e entusiasmo que não esmorecem.

É, pois, com viva emoção que lhes agradeço o desejarem que Verdemilho não esqueça a passagem por essas lindas terras de um menino, que foi mais tarde um grande artista.

Tudo quanto lembre a memória de meu Pai, é grato ao meu coração, pelo que, podem ter a certeza, que o meu agradecimento é comovidamente sincero.

E, como remate destes e doutros pensamentos, que carinhosamente arquivámos, escreveu esta frase, que constitui título de glória para esta aldeia:

«Se Verdemilho se lembra dele, tenho a certeza que Eça de Queiroz nunca esqueceu Verdemilho.»

E foi com esta frase lapidar, com este facho luminoso, que se arreigou mais ainda no pensamento de todos quantos por estas homenagens se têm interessado, a ideia de que Verdemilho, e mais lugares desta freguesia de Aradas — Quinta do Picado, Arada e Bonsucesso —, tinham o dever de glorificar, de prestar homenagem àquele que, em menino, aqui brincava por estes sítios, out'rora terrenos da quinta solarenga dos avós paternos — Conselheiro Joaquim José de Queiroz e Almeida e D. Teodora Joaquina de Almeida.

Foi aqui, no antigo Solar, que nos fica à direita, que estes lhe mandaram ensinar as primeiras letras e lhe nortearam o espírito, tendo a semente caído em tão fértil cérebro, que o transportou mais tarde às culminâncias da Arte na Língua Pátria.

Quando o vizinho, fronteiro ao Solar, o proprietário Manuel Francisco

Livros

História da Civilização

Está quasi no fim a sua publicação em fascículos, dos quais saíram os n.os 23 e 24 que estão a ser distribuídos pela Sociedade de Expansão Cultural com séde em Lisboa, Rua D. João V, 16 A.

O autor da obra monumental a que aqui temos feito referência é o consagrado escritor Domingos Monteiro que em *O Livro de todos Tempos* se há afirmado como um dos melhores entre os melhores elementos da literatura contemporânea, tão claro como expressivo em todas as suas produções.

Cardoso, homem respeitável, perguntava ao avô, como ia o menino, de saude e de estudos, possivelmente, respondia invariàvelmente — muito bem, muito bem, mas muito traquina.

E este estudante da Escola das primeiras letras de Verdemilho, que a tradição não deixou esquecer na alma do povo desta aldeia, era um netinho meigo e terno para os seus avós, filho carinhoso para seus pais, Dr. José Maria de Almeida de Teixeira de Queiroz e D. Carolina Augusta Pereira de Eça.

Foi noivo adorável, marido exemplar, modelar chefe de Família, pai amantíssimo, português do melhor quilate, homem probo e crente e cinzelador incomparável da Língua Portuguesa.

Ora, individualidade que reuna tais predicados, deve ser apontada e seguida como exemplo, razão, e razão forte, porque Verdemilho, out'rora Vila de Milho, terra de tradições, honrada com um Bispo e um Poeta, além doutras figuras respeitáveis, lhe presta hoje as suas homenagens.

Segundo a tradição e testemunho de pessoas que ainda vivem, o Escritor visitou algumas vezes esta aldeia, o antigo Solar da sua meninice, os cantinhos das suas brincadeiras, a lareira dos seus avós.

E uma destas visitas, está ainda na memória de Joaquim dos Santos Neves, aqui presente com as suas sádias 87 primaveras. Recorda-se (tinha então vinte e tal anos) de ver, ao sair da rua fronteira ao Palácio, antiga estrada de Ílhavo-Aveiro, hoje Rua de S. João, dois indivíduos muito interessados, a observar o brazão que encimava a porta de entrada.

Não fez ideia de quem seriam, mas a boa nova correu célere e veio a saber que um era o neto do Conselheiro, o menino José Maria, como ficou sendo conhecido entre o povo, maneira esta de tratar, que deve ser interpretada como carinho que lhe votava e ainda perdura, e o outro, Guerra Junqueiro. O Professor Rocha Martins, homem culto, como tantas vezes o verificámos, disse-lhe depois, que um era Escritor e o outro Poeta.

Dos serviçais de côr, Mateus e Laureana, recorda-se como se fôsse hoje, como a tantas outras pessoas! Estes, servindo os seus amos, entretinham o Menino com brincadeiras e contavam-lhe histórias, segundo a tradição.

Depois da morte de D. Teodora, os dois criados continuaram na casa dos seus amos, trabalhando a terra e colhendo fruta dos pomares da casa, para venda e para consumo próprio.

O criado, a quem a boa e educada gente de Verdemilho, tratava respeitosamente por Senhor Mateus, tinha bom coração, comprazendo-se em oferecer fruta às crianças, uma das quais ainda viva, Maria Rosa Madail, que se limitava a agradecer.

A criada, a quem tratavam também por Senhora Laureana, maneira esta, que deve ser tomada em parte, à conta do muito respeito que Verdemilho tinha, e ainda hoje conserva, pelo Conselheiro Queiroz e Família, passou a ser convidada para, em casas fartas, fazer jantares de festa e para engomar.

Era, em qualquer destes serviços, muito esmerada, e nas horas vagas, ensinava as filhas de famílias abastadas, a cosinhar e a brunir, sendo muito estimada por toda a gente.

No que porém, a Senhora Laureana, mais primava, ou antes primava igualmente, era nas papas para as novenas de meninas, muito em uso, naquele tempo, tendo corrido voga a fama deste prato. Confirmam-no, por as terem comido, Manuel Sarrico Deus e esposa e outras pessoas aqui presentes.

O que é certo é que estas aptidões culinárias da creada do Palácio Queiroz, tiveram uma influência decisiva no paladar do Escritor.

Como se sabe, na casa solarenga dos avós do Romancista, tudo era aprimorado, nomeadamente o vestir e as refeições, e, assim, o menino José Maria começou cedo bastante a habituar-se a requintes de elegância, adquirindo, do mesmo passo, um bom paladar, sendo aqui, em Verdemilho, que começou a vestir bem e a comer pratos saborosos. E, daqui, lhe nasceu o hábito, que conservou pela vida fora, de vestir com elegância, e apreciar devidamente um bom «frango no forno com arroz» e uma boa ceia com Bordeus, que o seu estômago, segundo o dizer do escritor, adorava.

E tudo nesta aldeia assim aconteceu por causa das habilidades culinárias da Senhora Laureana!!...

Depois da morte do seu companheiro de trabalho, ambos oriundos do Brasil, passou a viver numa dependência desta pequena casa, aqui à direita, pertencente ao Padre Cura, Bartolomeu, de quem nos recordamos, e assim perto da casa de seus antigos Senhores.

Acácio Rosa, membro da Comissão destas homenagens e aqui presente, ao tempo jovem literato e futuro jornalista, diz ter ombreado no pequeno pontão da Quinta da Madela, com um grupo de cinco pessoas, cujos nomes depois veio a anotar: Luís de Magalhães, Hintze Ribeiro, Eça de Queiroz, D. Ursula Rebelo Borges de Melo e Luís Correia de Melo, proprietário da quinta, hoje Património do Estado.

A vinda a Verdemilho deste estudioso grupo de excursionistas, como hoje lhe chamariam, tinha o significado de romagem de saudade aos avós paternos de Eça; proporcionava a contemplação da apalaçada casa e leitura da pedra de armas dos seus avós (actualmente no Museu de Aveiro); permitia viver um pouco o passado, recordado, assim o julgamos, saudosamente pelo Escritor.

A visita à Quinta da Medela, constituia como que um complemento da evocativa romagem que vinham de realizar.

A todos interessaria colher uma visão do conjunto da tão cubiçada quinta, de dilatados vales, planaltos e limites, mas, especialmente, a Hintze, por ela pertencer ao seu parente, amigo e conterrâneo, Luís Correia de Melo, como ele açoreano.

O elegantíssimo portal da Quinta, em arco, sobrepojado pela pedra de armas, que lá se conserva, teria detido a curiosidade artística do grupo. Da varanda poente do Solar, nunca acabado, teriam apreciado devidamente e por longos momentos, a surpreendente vista das marinhas e seus montes de sal e o panorama da ria, que deixa adivinhar, num não longínquo poente, o mar imenso!!...

A original escada de pedra, do interior do edifício, ter-lhes ia detido também a sua curiosidade artística, que teriam subido suavemente defendidos por bem lançado corrimão de pedra.

Em todos os componentes do estudioso grupo, existia porém, certamente, a curiosidade, como ultimamente acontecia com outras individualidades, de examinar, na antiga e abrazonada casa da Medela, um Cristo gótico em pedra, muito falado, e as duas imagens em adoração, esculpidas no mesmo bloco.

Este mesmo trabalho foi mais tarde examinado por Guerra Junqueiro e Marques Gomes, esperados em Verdemilho por Acácio Rosa, que anotou não ter interessado sobremaneira o Poeta, esta antiga escultura, actualmente em Lisboa, na posse da família Correia de Melo.

Existe deste alto relevo, na «Sala Eça de Queiroz», uma fotografia ampliada, que tivemos o cuidado de tirar, antes de ser remetido para a Capital, por nos interessar e por sabermos ter chamado a atenção de pessoas ilustres, e entre estas, certamente, Eça de Queiroz, motivo porque lá se encontra.

Pode estranhar-se que o Escritor viesse poucas vezes a Verdemilho e muitas à Costa Nova, mas um tal facto fácilmente se compreende.

Já não tinha por cá pessoas de Família, e o Palácio em ruinas, especialmente por dentro, já não despertava interesse, antes desolação, tendo passado para a posse de José Capela, em 1906.

A Família Magalhães, na qual contava sinceras amizades, atraia-o à Costa Nova, de que muito gostava, como em carta, a sua esposa, à sua querida Emília, há pouco publicada por seus ilustres filhos em «Eça de Queiroz Entre os Seus», remetida de Paris para uma praia em «sítio agreste e isolado» na Bretenha, Val-André, faz abertamente o elogio caloroso da praia da garrida e alegre Vila de Ílhavo.

«Quanto à paizagem—estou-a ainda ignorando, por que não me dás sequer um escasso contôrno. Imagino um Hotel isolado num areal de rocha. E não sei porquê, a tua carta dá-me a impressão de não haver ruas nem casas. Estou certo, porém, que não é mais desconfortável que a Costa Nova, e eu considero esse um dos mais deliciosos pontos do Globo. É verdade que estávamos lá em grande alegria, no excelente Chalet Magalhães».

Em outra carta de Biarritz, para sua esposa, publicada no mesmo enternecedor livro, mostra que, mesmo no estrangeiro, o mar da sua enamorada praia, não era esquecido.

«A Foz, o valente mar da Costa Nova, são tímidas lagoas em comparação deste ferocíssimo mar da Cantabria.»

Se esta Ilustre Família, tivesse o seu palheiro ou casa, não naquela praia, mas sim nesta aldeia, as suas visitas seriam mais para Verdemilho, atraído pelas relações de amizade, pelos amigos que aqui se reuniam, por questões literárias, pelas remeniscências de menino aqui criado; recordações saudosas dos avós, das alegres noites de inverno à lareira; do jardim gradeado onde brincava, e do Mestre-Escola que lhe havia incutido boas regras, e o melhor pão espiritual.

A sólida amizade que o prendia a Luís de Magalhães, intelectual que muito admirava, influiria, se aqui estivesse, decisivamente, nas suas deslocações a Verdemilho, dizendo-lhe em carta «mas não desisto de ir palmilhar as areias da Costa Nova e os pinheirais da Gafanha» e, quem sabe, terras de Verdemilho, que lhe não ficavam longe e o atraíam saudoso, certamente.

E ainda a êste seu amigo, perguntava para esta praia:

«Diga se sente disposição de ver, logo depois da partida de dois amigos, chegar outro amigo, com outra mala, outro apetite, outra literatura e outros abraços. É a Oliveira Martins:

«Filho de Aveiro, educado na Costa Nova, quase peixe da ria, eu não preciso que mandem ao meu encontro caleches e barcaças. Eu sei ir pelo meu próprio pé ao velho e conhecido Palheiro de José Estêvão».

Destas transcrições, pode bem inferir-se, que nestas exteriorizações sobre a bela praia e referencia alusiva à sua educação na Costa Nova, a palavra Verdemilho, deveria bailar-lhe sempre e forçosamente, no seu lucido espírito, ao sentir as gratas recordações da educação que os avós aqui lhe deram, e da Escola, a primeira de todas, onde ensaiou os primeiros passos para as letras, que o haviam de tornar um dos maiores, dentre os maiores, da Grei Lusitana.

Não era só pelas belezas desta região, nomeadamente as da Costa Nova do Prado, tão da predilecção do Escritor, mas não de aconselhar, dizia, o levar provas para os seus areais, e pelos sentimentos afectivos que votava à Ilustre Família Magalhães, que se encontrava cativo desta região da Beira-Mar.

Uma ainda que modesta herança, contribuia também para lha fazer recordar.

Em carta inédita, cujo original nos foi gentilmente confiado por D. Maria de Eça de Queiroz de Castro, o Pai do Escritor dizia-lhe a 12 de Abril de 1877 para New-Castle:

Meu querido J. Maria

...Peço-te que na volta do correio me mandes uma procuração pelo teor da nota junta. Há agora ocasião de vender a marinha, e empregar o dinheiro em inscrições, que rendem mais, não se pagam décimas, nem se fazem outras despesas, nem se está sujeito a que as inundações levem o sal, como aconteceu neste ano. Todos passam bem e mandam saudades.

Um abraço de teu pai

J.

E como documento também inédito, vou ler, saborosamente, a minuta da procuração transcrita do original, que, como o da carta, possuimos, e nos foi também amavelmente confiada pela bondosa filha do homenageado deste memorável dia 27 de Novembro.

«José Maria de Eça de Queiroz, de maior idade, solteiro, consul de Portugal em New-Castle ou Tyne ste.

Constituo o Il.mo Snr. Joaquim Mendes de Queiroz, (de quem bem nos lembramos), do lugar de Quintãns, meu bastante procurador, com poderes de substabelecer, para por mim, e em meu nome, outorgar na escritura de venda que faço da minha marinha do Ilhote, na Ria de Aveiro, a qual me pertence por me ter sido aformulada no inventário a que se procedeu por morte da minha avó, D. Maria Joaquina de Queiroz, como parte da meia terça que de seus bens me deixou a minha dita avó em seu testamento, podendo o meu dito procurador receber o preço da venda, dar quitação, e praticar todos os mais actos necessários para a realização da venda.

New-Castle... Abril de 1877.

José Maria d'Eça de Queiroz

Verifica-se, assim, que o Escritor Eça de Queiroz, pelos seus bens de raiz, entre os quais se conta uma marinha de sal no Ilhote da Ria de Aveiro, tem o facies, a verdadeira caracteristica do aveirense proprietário e o vincula inteiramente a esta região, à Costa Nova do Prado e o prende de forma indelevel a aldeia de Verdemilho, à volta da qual gravita a sua meninice e a sua maneira de ser, projectada na sua ascencional carreira literária.

E é por isto mesmo e por um sem número de outros motivos, que esta aldeia, onde o menino José Maria recebeu os princípios preliminares da sua educação; onde estudou as primeiras letras e onde desabrochou o seu espírito cintilante para os vôos de Suprema Arte em Literatura, lhe presta hoje, passados dois dias do seu aniversário natalício, as suas mais sentidas homenagens.

Para a sua realização, Verdemilho vestiu as suas melhores galas, iniciando-as pelo descerramento de um pensamento de Alberto Souto, de uma Lápide, coberta com a bandeira de Verdemilho, a estriar neste dia memorável.

A este acto solene vai proceder, na ausência de D. Maria de Eça de Queiroz de Castro, filha do homenageado, seu irmão António Eça de Queiroz também Escritor, escrevendo-se a letras douradas, o nome de seu Pai, cuja Arte o não deixa esquecer, o imortaliza.

Temos dito.

Depois de realizada esta primeira parte do programa desfilou pela rua principal de Verdemilho, dirigindo-se ao cemitério do Outeirinho, num extenso cortejo em que tomaram parte várias associações de Aveiro, Ílhavo e Vista Alegre, bombeiros, autoridades civis e militares, funcionalismo público, estudantes, grémios e grande número de senhoras que ao passarem junto da campa dos avós de Eça de Queirós, lá sepultados, deixaram coberta de flores.

No regresso, efectuou-se a abertura do Museu, que ficou situado no rez do chão do solar de Quinta da Senhora das Dores, de que o major Lebre é proprietário, figurando nele os livros do escritor, grande número de fotografias, desenhos, estatuetas, obras de arte, etc., etc. e no salão do 1.º andar, completamente cheio de selecta assistência, pronunciou a sua conferência, focando a vida do romancista insigne, o professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sr. dr. Costa Pimpão, que por meio de alto falantes fôra também ouvida cá fóra, tão numerosa e compacta era a multidão reunida em volta do edifício.

Recebeu calorosas palmas assim como o sr. António Eça de Queirós ao terminar o pequeno discurso de reconhecimento pela homenagem dos verdemilhenses a seu pai e que o sensibilizara desde a primeira hora.

Pelo sr. major António Lebre foi mandada servir, no fim, uma merenda volante aos convidados, que retiraram, levando consigo as melhores impressões de tudo quanto se passou no pequenino burgo onde vive uma das mais numerosas e respeitadas famílias do concelho de Aveiro e por ele também assaz considerada—a família Lebre.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: amanhã, a distinta pianista sr.ª D. Joana Tavares de Melo e o nosso amigo Alvaro Ferreira da Silva, comerciante na Batalha; no dia 5, as sr.as D. Maria Gamelas Santana, D. Maria Júlia de Seabra Oliveira, D. Edmêa Gomes Craveiro e D. Maria da Conceição Pitarma, esposas, respectivamente, dos srs. tenente Manuel Nogueira Santana, Virgílio de Oliveira, das caves do Barrocão, *dr. Vaz Craveiro, médico em Ílhavo e Joaquim Marques Pitarma, industrial de panificação em Lisboa; em 6, a gentil Maria Inocência Casal Ribeiro, filha do nosso amigo Vitorino Casal Ribeiro, de Espinho; a sr.ª D. Rosa Apresentação Gamelas Dinis, esposa do sr. Manuel de Oliveira Dinis, e os srs. António Ferreira da Fonseca e Américo Crespo, 2.º oficial da Direcção de Finanças; em 7, o comerciante sr. Jeremias Moreira, e em 8, a sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, da acreditada* Casa dos Ovos Moles; *a interessante Maria Perpetua da Encarnação Dias, filha do falecido António Dias Pereira da Conceição; o sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal, o menino José Gil da Silva e o estudante António Alberto da Silva Reis, filhos, respectivamente, dos srs. Américo Carvalho da Silva e José dos Reis, industrial de panificação.*

Casamentos

Na Sé Catedral consorciou-se a menina Maria Julieta de Sousa Botelho de Moura, dilecta filha do sr. Joaquim Gomes de Moura, de Sabrosa, com seu primo Élio Manuel de Moura Ferreira, filho do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara Municipal.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios sr. Jofre Gomes de Moura e esposa, e pelo noivo o sr. José Taveira e também sua esposa.

Após a cerimónia, a que assistiram numerosos convidados, entre os quais os tios da noiva, as sr.as D. Angela e D. Tereza e o sr. D. José Vasconcelos Sousa Botelho, que vieram expressamente da capital, foi servido um fino copo de água *que deu lugar a que os nubentes fossem muito saudados.*

Partiram, no mesmo dia, em viagem de núpcias para o sul, estimando nós que a felicidade os bafeje.

—Na igreja de S. Gonçalo casou-se a tricaninha Maria das Dores Mateus Calisto, filha do sr. Luís Calisto, com o sr. José Maria Machado, pertencente à valorosa equipa de remo do Club dos Galitos.

Assistiram alguns convidados da intimidade dos nubentes, a quem igualmente desejamos um futuro venturoso.

Gente nova

Com muita felicidade deu à luz um menino a esposa do sr. Adriano Pires (filho).

Parabens.

Partidas e Chegadas

Com a família, regressou da Costa Nova o professor João de Oliveira Frade, nosso velho amigo.

Doentes

Têm-se acentuado as melhoras da sr.ª D. Conceição Maria dos Anjos, o que nos é grato noticiar.

Pelo Teatro

E' já de hoje a oito dias a representação da peça *Pão de Ló de Ovar*, no Cine-Teatro Avenida.

Os bilhetes estão à venda.

Cacia

Vendem-se dois juncais em Vilarinho. Para informar dirigir ao sr. José Simões Miranda, SARRAZOLA (Cacia).

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes.

Padaria

Trespassa-se, situada no cabeço de Sarrazola, a 100 metros da estação de Cacia. Tratar no mesmo estabelecimento com o proprietário José Nunes da Silva.

Casa em Aveiro

Com frentes para o Largo do Espírito Santo, Rua de S. Sebastião e Rua de S. Martinho, vende-se. Falar com o advogado Inocêncio Bela.

Blocos

A *Sociedade Policomercial, L.da* vende máquina e alguns blocos de 40X20X30 e 40X20X10. Dirigir a António Martins Gamelas, nas Agras (ESGUEIRA).

Farmácia

Trespassa-se numa das mais importantes freguesias do concelho de Aveiro e a curta distância da cidade. Nesta Redacção se informa.

Trespassa-se

mercearia, vinhos e miudezas, bem localizada e afreguezada. Motivo de retirada.

Vêr e tratar na Rua de S. Sebastião, n.º 59 ou na firma *Pinho & Fernandes, L.da.*

Oficina de Marcenaria e Carpintaria Mecânica

Trespassa-se ou arrenda-se em laboração, próximo desta cidade, por motivo de retirada do seu proprietário.

Nesta Redacção se informa.

ESTABELECIMENTO

Trespassa-se, devoluto, amplo e com duas largas vitrines, no Largo de José Estevão—AVEIRO. Informa *Casa dos Neves*, Rua Direita, n.º 39.

CASA

Ao princípio de Aradas, com óptimas divisões, quarto de banho, água encanada, jardim, pomar e terra de cultura com parreiras. Tem garagem, adega com vasilhame, galinheiros, currais, etc.

Aluga-se só casa, com jardim, ou tudo junto, conforme convier. Informa esta Redacção.

Mercearia e vinhos

Trespassa-se a da Rua de Sá n.ºs 18 e 20 por o seu proprietário ter de ausentar-se. Dirigir à mesma.

Mobílias

Vendem-se: uma de sala de jantar e outra de quarto. Dirigir à Rua do Loureiro, 41—AVEIRO

Teatro Aveirense

PROGRAMA

Sábado, 3 (às 21,30 h.)
Domingo, 4 (às 15,30 e 21,30 h.)
Segunda-feira, 5 (às 21,30 h.)
Sol e Toiros
Terça-feira, 6 (às 21,30 h.)
Saratoga
Quinta-feira, 8 (às 21,30 h.)
Festival no México
Brevemente:
Canção de Scheherezade

Lições de Ciências Geográfico-Naturais

Por: A. Tomás Vieira

Para o 1.º e 2.º ano dos Liceus, em volumes separados e de harmonia com os actuais programas

Preços: 1.º ano — 25$00; 2.º ano — 30$00

A' venda nas Livrarias

Pedidos ao autor para Rua de S. Sebastião, 20—AVEIRO

Menina

Oferece-se para tratar de crianças ou de senhora de idade, para caixa em casa comercial, escritório, etc. Nesta Redacção se informa.

Casamento

Deseja-o comerciante, com senhora com alguns bens. Responda a esta Redacção com as iniciais *A. D. M.*

Agradecimento

A família e o noivo da inditosa Aldina Nunes Simões Amaro gratos às pessoas que acompanharam a extinta à última morada e às que de qualquer outra forma exteriorizaram o seu sentimento, vêem por este meio manifestar-lhes profundo reconhecimento.

Aveiro, 28-Novembro-949

4 casas de habitação

Vendem-se, por motivo de retirada do seu proprietário, na Agra de Esgueira, junto à linha pa C. P., sendo o seu rendimento mensal de 800$00.

Trata Bernardino da Silva Madaleno, R. José Luciano de Castro, 78—ESGUEIRA.

Leilão de Penhores

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Casa de Crédito Popular
Agência n.º 45
AVEIRO

Avisam-se os mutuários que no dia 16 de Janeiro próximo futuro, pelas 14 horas, se procederá na Agência n.º 7—Rua Fernandes Tomaz n.º 553—no Porto ao leilão de todos os penhores cujos contratos tenham o pagamento de juros em atraso mais de três meses.

A Agência receberá juros em dívida até ao dia 6 do referido mês.

Repartição da Casa de Crédito Popular, em 21 de Novembro de 1949.

O chefe da Repartição,

a) *Francisco Cordeiro*

CASA arrenda-se com 7 divisões na passagem de nível de Esgueira. Quem pretender dirija-se a Abel Gonçalves—ESGUEIRA.

Correspondências

Oliveirinha, 1

Terminaram no domingo as comemorações religiosas do 1.º centenário da freguesia às quais vieram assistir dois missionários desde o seu início, na noite de 17, que prègaram nas capelas de Quintans, da Costa do Valado e por último na nossa igreja matriz, onde foi montado um alto falante por, apezar das suas dimensões, ser pequena para comportar toda a gente que os pretendia ouvir. Nesse dia esteve também entre nós, presidindo às derradeiras cerimónias, o sr. Arcebispo Bispo da diocese, que no vasto largo da feira resou a missa campal incluida no programa e se encheu de uma multidão compacta, deslocada de todos os lugares circunvizinhos. A manhã esteve formosíssima, radiante de sol, havendo inclusivamente quem atribuisse a milagre tão rápida mudança do tempo. Mas o que é verdade é ter-se operado a reviravolta que permitiu ainda a saída de uma procissão, à tarde, em que tomaram parte todas as irmandades da freguesia, recolhendo depois as das Quintans e Costa do Valado às capelas dos respectivos lugares com os andores de que se fizeram acompanhar, excepto o de S. Tomé, mencionado por equívoco.

A Oliveirinha rejubilou com a presença do sr. Arcebispo, que também nos quiz parecer ter retirado satisfeito pela maneira como aqui foi recebido.

C.

Esgueira, 1

Finou-se na terça-feira, ali no Caião, com 57 anos de idade, o sr. Manuel Rodrigues Mendes, empregado nos caminhos de ferro da C. P.

Duma grande actividade, era também muito atencioso e respeitador, motivos por que a sua morte foi bastante sentida, principalmente entre o pessoal da estação dessa cidade, onde prestava serviço e contava inúmeras simpatias.

Era casado, pai da sr.ª D. Ester Mendes e do sr. Fernando Mendes, oficial da marinha mercante, tendo-se realizado o enterro com grande acompanhamento.

A toda a família, as nossas sentidas condolências.

C.

TRIBUNAL DO TRABALHO

Edital

O Doutor António Augusto de Oliveira Gala, Juís do Tribunal de Trabalho de Aveiro:

Faz saber que no dia 12 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, vai pela primeira vez à praça o prédio a seguir indicado, penhorado na execução por cotas, que a Casa do Povo de Cacia move contra o executado António Nunes Pereira, residente em Póvoa, Cacia, a saber:

Uma casa e terra lavradia, na Póvoa, que parte do norte com estrada camarária, do sul com viela das pousias, do nascente com Maria Cadete e outros e do poente com Luís Anio Neno e outros, registado na matriz predial urbana da freguesia de Cacia sob o artigo número 954 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o número 28.318. Vai à praça por 3.168$00.

Para constar se passou êste e dois de igual teôr, que serão afixados um na porta do Tribunal, outro na porta do Regedor da freguesia de Cacia e outro na porta do prédio penhorado.

Aveiro, 30 de Novembro de 1949.

O JUIZ,
António A. de Oliveira Gala
Pelo chefe de Secretaria,
Rui Vicente Ferreira

TRIBUNAL DO TRABALHO

Anúncio

1.ª publicação

Pelo Tribunal do Trabalho de Aveiro, e no processo de execução em que é exequente o digno Agente do Ministério Público junto deste Tribunal, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da firma executada Ismael Lacerda, com alfaiataria em Espinho, para no prazo de dez dias posteriores aos dos éditos, virem à dita execução deduzir os seus direitos e requerer o que tiverem por conveniente, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Aveiro, 29 de Novembro de 1949.

O JUIZ,
António A. de Oliveira Gala
Pelo chefe de Secretaria,
Rui Vicente Ferreira

TRIBUNAL DO TRABALHO
—o—

Edital

O Doutor António Augusto de Oliveira Gala, Juís do Tribunal de Trabalho de Aveiro:

Faz saber que no dia 12 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, vai pela primeira vez à praça o prédio a seguir indicado, penhorado na execução por cotas, que a Casa do Povo de Esgueira move contra a executada Rosa Marques Gaspar, como viúva de Adelino Nunes Guiomar, residente em Taboeira, freguesia de Esgueira, a saber:

Uma casa sita no lugar de Taboeira a confrontar, do norte e do sul, com capela, do poente com António Gonçalves e do nascente com João Crespo, registado na matriz predial urbana da freguesia de Esgueira sob o artigo número 667 e descrito na Conservatória do Registo Predial sob o número 40.976. Vai à praça por 6.750$00.

Para constar se passou este e dois de igual teor, que serão afixados, um na porta do Tribunal, outro na porta do Regedor da freguesia de Esgueira e outro na porta do prédio penhorado.

Aveiro 30 de Novembro de 1949.

O JUIZ,
António A. de Oliveira Gala
Pelo chefe de Secretaria,
Rui Vicente Ferreira

TRIBUNAL DO TRABALHO
—o—

Edital

O Doutor António Augusto de Oliveira Gala, Juiz do Tribunal do Trabalho de Aveiro:

Faz saber que no dia 12 de Dezembro próximo, pelas 10 horas, vai pela primeira vez à praça o prédio a seguir indicado, penhorado na execucão por cotas, que a Casa do Povo de Cacia move contra o executado João Nunes Dias, casado, proprietário, residente em Vilarinho, freguesia de Cacia, a saber:

Uma casa terrea com pateo e quintal em Vilarinho, a confrontar, do norte, com Manuel Dias, do sul, com estrada pública, do nascente com a mesma e do poente com Manuel Marques Raimão, registado na matriz predial urbana da freguesia de Cacia, sob o artigo número 833 descrito na Conservatória do Registo Predial sob o número 32.052. Vai à praça por 5.904$00.

Para constar se passou êste e dois de igual teôr, que serão afixados: um na porta do Tribunal, outro na porta do Regedor da freguesia de Cacia e outro na porta do prédio penhorado.

Aveiro, 30 de Novembro de 1949.

O JUIZ,
António A. de Oliveira Gala
Pelo chefe de Secretaria,
Rui Vicente Ferreira

TRIBUNAL DO TRABALHO
—o—

Edital

O Doutor António Augusto de Oliveira Gala, Juís do Tribunal de Trabalho de Aveiro:

Faz saber que no dia 12 de Dezembro do corrente ano, pelas 10 horas, vai pela primeira vez à praça o prédio a seguir indicado, penhorado na execução por cotas, que a Casa do Povo da Palhaça move contra o executado David de Oliveira, residente no lugar da Palhaça, a saber:

Uma casa com aido, sita no lugar da Palhaça, que parte do norte com Luís Simões Rego, do sul com Alberto Pato, do nascente com José Melo e do poente com estrada pública, registado na matriz predial urbana da freguesia da Palhaça sob o artigo número 477 e na Conservatória do Registo Predial descrito sob o número 40.970. Vai à praça por 19.440$.

Para constar se passou êste e dois de igual teor, que serão afixados: um na porta do Tribunal, outro na porta do Regedor da freguesia da Palhaça e outro na porta do prédio penhorado.

Aveiro, 30 de Novembro de 1949

O JUIZ,
António A. de Oliveira Gala
Pelo chefe de Secretaria,
Rui Vicente Ferreira

Câmara Municipal de Aveiro

ÉDITOS

2.ª publicação

Doutor Alvaro Sampaio, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço saber que Carlos Migueis Picado, residente em Aveiro, na Rua de S. Martinho, requereu a esta Câmara no sentido de ser autorizado a trasladar da sepultura n.º 1039—4.º leirão—do Cemitério Sul, desta cidade, para a sepultura n.º 13—1.º leirão—do mesmo Cemitério, onde se encontra sepultado seu sogro João de Almeida, falecido em 30 de Setembro de 1944, os restos mortais de sua sogra Aurea Soares de Almeida, falecida em 3 de Maio de 1942.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos dos falecidos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no praso de vinte dias, contados da data da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este praso, o pedido será deferido se se verificar quem, nos termos da lei, prefira ao requerente, no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Aveiro e Paços do Concelho, 21 de Novembro de 1949.

O Presidente da Câmara,
ALVARO SAMPAIO